

A LÍNGUA FALADA NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Antonio Carlos Fracasso, Marco Antonio Villarta Neder

Universidade Vale do Paraíba
Instituto Superior de Educação - FE
Rua Tertuliano Delphin Junior, 181- Jd. Aquários
São José dos Campos - S.P
(12) 3923.9090 e faz (12) 3923.9325
marcovillarta@yahoo.com.br
antoniocarlosfr@hotmail.com

Resumo - Este artigo tem como objetivo analisar, em determinado livro didático (LD), como a língua falada é trabalhada e demonstrar que a língua falada pode ser um instrumento valioso no ensino da Língua Portuguesa. O ensino da Língua tem atualmente como base a gramática prescritiva e costuma seguir o livro didático recomendado pelo Ministério da Educação (MEC). Tal prática tem sido questionada pela comunidade lingüística e também por educadores como causa de distanciamento entre os alunos e o ensino. Este distanciamento pode ser minimizado se for demonstrado aos alunos que a língua por eles falada é considerada como veículo de um meio cultural próprio e não classificada como errada em relação à língua padrão, promovendo assim a valorização da variação lingüística e capacitando o aluno a escolher a fala adequada para cada meio e situação.

Palavras-chave: Sociolingüística, Língua Falada, Língua Portuguesa, Parâmetros Curriculares.
Área do Conhecimento: Lingüística, Letras e Artes.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar, em determinado livro didático, como a língua falada é trabalhada e demonstrar que a língua falada pode ser um instrumento valioso no ensino da Língua Portuguesa. Para tanto, o artigo contém discussão que visa estabelecer alguns critérios de análise dos Livros Didáticos da 8ª série do Ensino Fundamental verificando:

- até que ponto esses materiais propõem um trabalho com a Linguagem Falada;
- se chegam a propor um desenvolvimento diferente do ensino-aprendizagem através da fala;
- o que esse material constrói e fixa como conhecimento da Língua Portuguesa do Brasil ou Língua Brasileira.

O ensino da Língua está baseado na norma culta da língua. A língua falada, como meio de expressão da cultura do meio de origem do indivíduo pode contribuir para facilitar o aprendizado da língua culta, se considerada e valorizada no processo de ensino-aprendizagem.

O ensino da Língua Portuguesa, tendo como objeto de estudo a Língua Falada, pode ser desdobrado em módulos: o discursivo, o semântico e o gramatical.

No módulo discursivo trata-se da conversação, interação locutor-interlocutor. No módulo semântico estudam-se os processos de criação de sentidos no léxico. No módulo gramatical são abordadas Fonologia, Morfologia e Sintaxe. Os módulos abordam o que é de fundamental para

se conhecer a linguagem humana. Por meio de módulos pode-se adotar uma prática de aula partindo do princípio da fala e mediante ela estabelecer-se uma análise crítica.

A flexibilidade da linguagem oral, que não se utiliza de registro, favorece seu uso para reflexão sobre o que está constituído na língua. Com essa reflexão baseada na oralidade pode-se fazer uma conexão para estudar a gramática, o conteúdo do livro didático.

Metodologia

Este artigo foi desenvolvido tendo como material de análise (*corpus*) o material didático "Entre Palavras", de Mauro Ferreira, para 8ª série do Ensino Fundamental, utilizado na EMF - Escola Pública Municipal do Fundamental - Área Cantinho Rodrigues, de São José dos Campos.

Dois fatores pesaram preponderantemente para escolha do citado livro didático como material de análise para elaboração deste artigo:

a) o livro é utilizado no último ano do Ensino Fundamental, fator que pode contribuir para verificação de até que ponto, nessa fase do ensino, é trabalhada a língua falada.

b) o livro é utilizado pela rede pública de ensino, o que pode favorecer a análise de como grande parte da população, aquela que não tem acesso à rede particular de ensino, tem considerada a língua, do modo como a fala, no processo de ensino-aprendizagem.

A análise do *corpus* teve como foco verificar se as variedades lingüísticas são abordadas no ensino da Língua Portuguesa, como a língua falada é incluída no ensino e que identidade é construída com essa inclusão.

Resultados

Verificou-se que os livros didáticos examinados não propõem um trabalho com a língua falada de modo a construir saberes a partir desta.

Tanto para interpretação dos textos como para discussão para identificação do gênero literário, os alunos respondem às perguntas já preparadas, não havendo oportunidade para um estudo da linguagem oral.

Também é proposto ao aluno que, ao falar, adote uma postura de seriedade e respeito, com tom de voz e ritmo adequados, determinando um comportamento formal e desconsiderando as variações lingüísticas do falante.

Assim, as eventuais abordagens da língua falada são feitas de maneira superficial sem utilizá-la como instrumento de ensino tão importante quanto a linguagem escrita.

Discussão

A inclusão da língua falada nas práticas escolares justifica-se pela riqueza cultural que as variações lingüísticas representam, pois veiculam as culturas dos diversos meios que as originam.

As variações lingüísticas do Brasil mereceram estudos científicos e classificações, como aquele realizado pelo Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo da Universidade de São Paulo - Projeto NURC/SP/USP.

Um dos meios de inclusão da língua falada no ensino da Língua Portuguesa é o início deste ensino por meio da valorização da cultura constituída do aluno, advinda da família, de sua origem e do contexto sócio-cultural que ele está inserido. Estes aspectos, expressos na sua fala, são valorizados quando a oralidade é utilizada em sala de aula como meio de reflexões para o ensino da língua portuguesa do Brasil.

"Com ela nos confundimos, e nela encontramos nossa identidade. Ver considerado na escola seu modo próprio de falar, ser sensibilizado para aceitação da variedade lingüística que flui da boca do outro, saber escolher a variedade adequada a cada situação – estes são os ideais da formação lingüística do cidadão numa sociedade democrática." (Castilho, 2004:21)

O processo de inclusão da linguagem falada no ensino pode ser estruturado em fases.

Numa primeira fase pode-se sugerir aos alunos que participem da seleção dos temas a serem estudados. Essa participação pode ocorrer por meio de jornais e revistas trazidos pelos alunos

para sala de aula e que contenham assuntos por eles escolhidos. A proposta é discutir, na produção de textos, as variedades lingüísticas herdadas da família.

Na fase seguinte, os assuntos escolhidos serão examinados por meio de debate com os alunos. A comunicação estabelecida para tanto propiciará que as variedades sócio-culturais sejam expressas em sala de aula. O objetivo dessa fase é demonstrar que cada um é responsável pelos mais diversos vocábulos e frases encontrados no dia-a-dia, ou seja, é o sujeito que dá os rumos da linguagem e da comunicação. Ressalta-se que essa prática não se esgota num primeiro momento, ela ilustra que os diversos indivíduos falam diversas variedades da língua, que os alunos possuem raízes lingüísticas trazidas de diferentes regiões ou origens.

Na próxima etapa o objetivo é demonstrar que a Língua Portuguesa falada possui diferentes "roupagens" que deve ser adequada a cada situação para atender as exigências da sociedade. A forma escrita é o código para fins de organização dessa língua.

"... mas é preciso lembrar que ela funciona como a partitura de uma música: cada instrumento vai interpretá-la de um modo todo seu, particular!" (Bagno, 2006:53)

A língua como um todo é como uma orquestra sinfônica, ali todos os instrumentos entendem um único código: a partitura (norma ortográfica). Cada instrumento varia sua entonação sonora (pronúncia) e todos se sincronizam, sentem um equilíbrio e se entendem nesta riqueza musical (idioma, variantes lingüísticas).

O objetivo final é que os alunos apreendam que o padrão culto da língua e as variedades lingüísticas não se contrapõem e sim se complementam. As variedades lingüísticas são valorosas porque representam a cultura do meio que as originam e tem seu lugar na linguagem falada e na construção do saber da linguagem escrita. O padrão culto se presta à padronização, à organização da língua para o alcance da norma culta a ser empregada dentro de um contexto lingüístico apropriado.

O Livro Didático "Entre Palavras" é dividido em 12 unidades e todas possuem a mesma estrutura didática, apresentada em seções denominadas: Ouvir, Ler, Falar, Debater, Escrever e Gramática.

As seções Ouvir e Falar são aquelas nas quais poderia ser explorada a língua falada. Porém, na análise feita dessas unidades, verificou-se que é abordado qual o efeito que um texto ou discurso pode causar para um determinado público. Na página 126, na seção Ouvir, os alunos respondem às perguntas já preparadas para que eles façam a interpretação do texto, não havendo oportunidade para um estudo da linguagem oral. Na página 148, o professor faz uma leitura junto com os alunos, para posteriores perguntas, já elaboradas, serem respondidas, buscando identificar qual a

linguagem empregada no gênero: técnica, jornalística, crônica etc. Também não se identifica a língua falada nessa aula.

Na seção falar, da página 44, é clara a proposta de que o aluno, ao falar, adote uma postura de seriedade e respeito, com tom de voz e ritmo adequados. Nesse item, o professor deve convidar um aluno a ocupar uma posição em frente da turma para simular uma leitura de um discurso formal, como um evento político ou educacional. Explora-se a postura que o sujeito deve ter em situações de formalidade, sendo irrelevante que tal falante possua suas variações lingüísticas, que não são consideradas.

Conclusão

O aprendizado do padrão culto da língua deve ser acessível a todos os brasileiros, sem exceção. Este conhecimento é requerido, entre outros meios, pelo mercado de trabalho. Mesmo não garantindo crescimento profissional é um dos pontos que influenciam os fatores socioculturais do sujeito na sociedade.

No entanto, o processo de ensino-aprendizagem da norma culta pode ser favorecido se nele for considerada a língua falada por cada indivíduo. Temos no Brasil uma grande variedade lingüística, representando a cultura das diversas regiões do país. Cada sujeito fala de uma maneira diferente, tem sua entonação de voz, a sua própria pronúncia. Essa oralidade é a marca da língua da comunidade brasileira, a sua originalidade que a diferencia das outras comunidades que falam a língua portuguesa. Cabe aos gramáticos, lingüistas e educadores valorizar essa diversidade e trabalhar para erradicação do preconceito em relação às diferentes falas, contribuindo assim para a minimização do distanciamento entre os alunos e o ensino da Língua Portuguesa no Brasil.

Referências

- BAGNO, MARCOS. A Língua de Eulália. 15° ed. São Paulo – SP – Contexto 2006.

- BAGNO, MARCOS. Preconceito Lingüístico. 45° ed. – São Paulo - SP – Loyolla - 2006.

- BRASIL, Secretária da Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (5° a 8° séries).

- BRASIL, Secretária da Educação Básica, Guia do Livro Didático, Língua Portuguesa – séries/anos iniciais do ensino fundamental – 2007.

- CASTILHO, A. T. A língua falada no ensino de português. 6° ed. – São Paulo – SP – Contexto 2004.

- COUTINHO, ISMAEL DE LIMA. Gramática Histórica, lingüística e filologia. 7° ed. Rio de Janeiro – RJ - Ao Livro Técnico 1982.

- D.E.L.T.A, Orientações Atuais da Lingüística Histórica Brasileira – Vol.15, N° Especial, 1999(147-166).

- LUFT, CELSO PEDRO. Moderna gramática Brasileira. 2° ed. - São Paulo – SP – Globo 2002.

- FERREIRA, MAURO. Entre Palavras, edição renovada da língua portuguesa – 8° série do ensino fundamental, São Paulo – ed. FDT – 2002.